

Invernia

Gênero: Crônica

Pseudônimo: Mercedes

Manhã gelada nos pampas. O termômetro marca dois graus. Já faz alguns dias que os noticiários vêm anunciando a precipitação de neve no sul do país.

Acordo muito cedo, apesar do frio intenso. As brasas na lareira ainda estalam, cortesia da noite anterior nesta temporada de baixas temperaturas. Acomodo um punhado de gravetos secos sobre o carvão incandescente e o braseiro rebrota num clarão, tal qual fênix renascendo das cinzas, trazendo esperança de calor aqui dentro. Lá fora a densa neblina me impede de ver qualquer coisa.

Cevo um mate e me acomodo junto ao fogo amigo. O lume do pássaro de penas douradas aquece o corpo e o mate refresca a alma, mas é inevitável pensar que as chamas, tão bem-vindas quando brandas, queimam como uma ave de fogo quando se agigantam. E também o frio, que para mim representa aconchego, sei que faz estragos por aí, numa dessas contradições que não conseguimos compreender e muito menos aceitar.

Essa ambiguidade fica latejando em minha mente. A dança serpenteante das labaredas me hipnotiza enquanto sorvo a seiva do amargo, e suas forças opostas me remetem ora ao bem, ora ao mal. Embarco na carona dos seus tentáculos e viajo.

É tudo uma questão de intensidade. O que aquece pode queimar e o que refresca também faz doer. A escuridão abriga e a claridade em excesso cega. Também o amor, quando exagerado, sufoca e até mata. Já a sua escassez pode nos fortalecer.

O silêncio amplifica o crepitar da lenha que se rende ao ardor, transformando a sonoridade das fagulhas em música para os meus ouvidos, mas o verde do mate não mata a minha sede de esperança. O conformismo é meu par desde que esse mal começou a espiar pelas frestas do mundo. Tantas renúncias, tantos sonhos cancelados... Mas o temor é maior que o desconsolo, então me calo, neste recolhimento imperioso. E uma paz absoluta faz morada em mim.

As horas vão passando, sem pressa, e uma monotonia companheira se instala, suave.

Cai a noite e o mate, já lavado, é substituído por um tinto. A jornada está chegando ao fim. O fogo, agora não mais alimentado, vai se abrandando, até fenecer. A fênix, assim como o sol, precisa morrer para renascer na manhã seguinte, como um símbolo de imortalidade.